**A MÚSICA COMO FERRAMENTA DE ENSINO GEOGRÁFICO, NO CAMPO DA EDUCAÇÃO POPULAR, EM TEMPOS DE AULAS REMOTAS**

**Diogo Alexandre SUK;**

1Estudante do Curso de Geografia da Universidade Federal do Pará/Campus Altamira

E-mail: diogosuk@gmail.com

**Introdução**

Ensinar geografia é e sempre foi um desafio imenso. A ciência em questão abrange um leque extenso de discussões, que necessitam ser discutidas de modo claro e didático para os alunos. Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do fundamental maior,

“(...) a educação geográfica contribui para a formação do conceito de identidade, expresso de diferentes formas: na compreensão perceptiva da paisagem, que ganha significado à medida que, ao observá-la, nota-se a vivência dos indivíduos e da coletividade; nas relações com os lugares vividos; nos costumes que resgatam a nossa memória social; na identidade cultural e na consciência de que somos sujeitos da história, distintos uns dos outros e, por isso, convictos das nossas diferenças.”

Fica nítido que o ensino de geografia é de extrema importância para a compreensão e apropriação do aluno como ser que se relaciona e constrói o espaço vivido. Mas como instigar o aluno a se apropriar dessa ciência e respectivamente do seu espaço vivido? Na mesma BNCC, vemos que “ Para fazer a leitura do mundo em que vivem, com base nas aprendizagens em Geografia, os alunos precisam ser estimulados a pensar espacialmente, desenvolvendo o raciocínio geográfico”. Ou seja, o desafio do professor é justamente estimular o aluno ao pensar espacial, que esta para além de depositar conteúdo e avaliar quantitativamente o aluno. Ensinar geografia vai para além da formalidade, e requer uma atenção especial do educador, seu esforço e sua dedicação, para buscar ferramentas pedagógicas para contribuir nessa leitura espacial mútua. Essa leitura esta enraizada no lugar vivido de cada sujeito, como relação afetiva dos espaços que o sujeito ocupa, constrói, desconstrói e reconstrói. Fazer com que o aluno se perceba como agente do espaço, e que suas experiencias com ele fazem parte do conhecimento geográfico, como afirmam SUESS & RIBEIRO (2017) “(...) o lugar possui uma maior amplitude, deixando de ser visto como um local qualquer na superfície , para incorporar os sentidos experienciais, no qual cada pessoa reconhecerá o significado por meios das relações construídas e estabelecidas. (SUESS E RIBEIRO, 2017. P. 7)

Nesse sentido, da busca por uma aula atrativa, que estimule o prazer de estar em sala de aula aprendendo geografia, a música, com seu cargo cultural, de melodias, ritmos e harmonia que em, muitos casos, são sons que emanam da realidade socioespacial, serve como ferramenta didático-pedagógica, com o poder de transmitir e dialogar com o que está sendo discutido em sala de aula. A música é consumida por boa parte da população mundial, por jovens, que as tem como entretenimento, e não deve ser descartada na metodologia de um educador que visa ensinar os conhecimentos geográficos.

A Educação Popular, que nasce nos anos 50, que tem como base um projeto que visa a inclusão da classe trabalhadora, além de um método baseado principalmente na figura de Paulo Freire, a qual leva em consideração o ato de aprender-ensinar dentro das experiencias de vivencia e do cotidiano dos educandos, que geralmente eram pessoas simples, agricultores, analfabetos , sem acesso ao ensino de qualidade. A educação popular tem como base os grupos de atividades : “ alfabetização, educação de base e cultura popular” ( BEZERRA, 1980. P. 25), vai além da educação formal e institucionalizada, mas procura construir um projeto enraizado nos saberes populares.

De forma mais específica acerca do significado de educação popular, WANDERLEY (1980) descorre que “ (...) vamos entender legitimamente por educação popular aquela que é produzida pelas classes populares ou para as classes populares, em função de seus interesses de classe. (...) Abrangeremos pelo termo classes populares, ou classes subalternas aquelas que vivem uma condição de exploração e dominação no capitalismo, sob múltiplas formas” (WANDERLEY, 1980, p.63 )

Vimos então que a educação popular não só se configura como uma educação de metodologia crítica e de exposição do agente popular para seus educandos do conhecimento, mas também uma educação que emane das classes subalternas, a partir da realidade desses, como prática pedagógica, e construção do conhecimento, a partir dos múltiplos saberes. É fundamental que o agente de educação popular sejam enganjados e afirmados dentro do espectro da criticidade político popular, como coloca MANFREDI (1980) **(...)** os próprios agentes populares possam se perceber como produtores do conhecimento, a medida que iniciam o processo de depuração e rearticulação do seu modo de pensar e agir, tomando a perspectiva da sua classe” (MANFREDI, 1980, p**, 56)**

**Desenvolvimento**

A música é arte que está presente no cotidiano das pessoas, independente da faixa etária, ou qual for o contexto social, a música reflete as relações socio espaciais, seja ela como uma espécie de “mantra” para trazer paz de espírito, seja como entretenimento, ou como forma de expressar criticamente o contexto social de determinado local. Essa junção de ritmo, melodia, harmonia e, na maioria dos casos, letras , se expressa tão complexa em sua composição, e pode ser encarada como um elemento recontextualizador, que carrega o potencial de didatizar conteúdos ou temas. É nesse contexto que a música se insere como uma potencial ferramenta metodológica no ensino, com o poder de didatizar um conteúdo, além de torna-lo mais atrativo, já que como Correia (2009, p. 20) menciona, a música é constantemente consumida pelos alunos e também pelos professores e dentro da perspectiva do ensino “Surge devido a constatação de dificuldades didático-pedagógicos, advindas da transposição de conhecimento da geografia acadêmica, para a geografia escolar quando de sua aplicação, principalmente nas séries iniciais do ensino” (CORREIA, p.20).

A pandemia do COVID-19 é um fenômeno geográfico, que mudou a vida e a rotina dos habitantes em escala global. O Novo Corona Vírus tem em sua principal característica a fácil contaminação, e isso deixou os sistemas de saúde de boa parte do mundo em situação caótica, viabilizando como principal solução para conter o número de contágio e de mortes, o isolamento e o distanciamento social. Sendo assim, bares, restaurantes, comércios, e vários outros tipos de estabelecimento mantiveram-se fechados por boa parte do ano, principalmente no período de março até setembro. As relações e conexões tiveram que mudar de característica. O contato presencial deu lugar ao virtual. As lives entraram na moda, e se tornaram uma alternativa, assim como as reuniões on line viraram rotina para boa parte da população mundial.

Nesse contexto, os processos educativos também sofreram mudanças, e ainda sofre. As escolas publicas e privadas naturalmente suspenderam suas atividades, tal como as universidades, cursos e etc. A formação foi diretamente afetada, e muitas instituições tiveram que se reinventar nas aulas virtuais, para aliviar o prejuízo de não ter as aulas presenciais.

A experiencia com os movimentos populares de Altamira suscitou em 2009 a Casa de Educação Popular, no município. A CEP, que tem como base o método Freiriano, historicamente atuou no campo de cursinho pré-vestibular, EJA, alfabetização, entre outras atividades, além de ser um espaço formativo e de importante articulação sóciopolítica, sabendo que a discussão crítica sobre a realidade vivida nos espaços de discussão, são fundamentais para o crescimento cidadão e a consciência social e politica dos educandos. A 5 anos desempenho o papel de militante educacional e educador de geografia no Cursinho popular. A principal justificativa desse cursinho é a ocupação da classe trabalhadora nos espaços acadêmicos. A CEP não tem fins lucrativos, por ser um projeto para a classe trabalhadora. Na pandemia do COVID, optou-se em não paralisar as atividades. Logo no início do período marcado pelo isolamento social permanecemos com nossas aulas on lines, a qual os alunos participantes da CEP tinham acesso a uma reunião virtual, usando ferramentas como Google Meet ou Zoom, e posteriormente as aulas lives, utilizando de plataformas e redes sociais estrategicamente mais propícias, como facebook, instagram, youtube, que são redes socias de mais comum acesso, para que mais pessoas tivesse acesso as aulas. Nesse espaço, usei muitas vezes a música para me auxiliar nas aulas, a qual teve uma boa resposta dos educandos, através de dialogo com os mesmos sobre as referidas aulas, e de minha própria percepção da aceitação dos alunos, que me fez refletir a possibilidade de trabalhar de forma mais aprofundada as aulas musicadas.

Diante do exposto, compreendemos que a música, neste cenário tão complexo, para além de um escape para muitos, pode se traduzir como uma ferramenta contributiva para ajudar a compreender a relação do sujeito com o mundo – e a importância da ação dele no seu espaço vivido. Assim, torna-se ainda mais relevante o seu possível emprego nas aulas de Geografia no contexto de uma educação – que defendemos – popular.

**Considerações finais**

Percebe-se que os desafios educacionais são cada vez maiores, mas existem saídas para uma educação de qualidade, crítica e que gere a compreensão geográfica, sociopolítica e socioespacial, no que se refere ao ensino de geografia. Tudo isso só é possível se levarmos em consideração a realidade vivida de cada um e cada uma, além de buscarmos cada vez mais ferramentas para que tudo isso seja atrativo e didático.

Por isso, relacionar a música no campo da educação popular, principalmente em tempos de aulas remotas não é só possível como necessário, e deve ser cada vez mais aprofundado, afim de aproximar cada vez mais os educandos do que se propõe a ensinar, e traze-los com seus saberes a construção do conhecimento, nesse processo mútuo.

**Referências**

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\_EI\_EF\_110518\_versaofinal\_site.pdf. Acesso em: 12 de julho de 2020.

BEZERRA, Áida. *et al*. As atividades em educação popular. In: BEZERRA, Áida . **A questão política da educação**. São Paulo: Brasiliense S.A, 1980. p. 16-39.

CORREIA, Marcos Antonio. **REPRESENTAÇÃO E ENSINO. A MÚSICA NAS AULAS DE GEOGRAFIA: EMOÇÃO E RAZÃO NAS REPRESENTAÇÕES GEOGRÁFICAS**. 2009. 116 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

MANFREDI, S.M. A educação popular no Brasil: uma releitura a partir de Gramsci. In: BEZERRA, Áida . **A questão política da educação**. São Paulo: Brasiliense S.A, 1980. p. 40-62.

SUESS, Rodrigo Capelle. O LUGAR NA GEOGRAFIA HUMANISTA: UMA REFLEXÃO

SOBRE O SEU PERCURSO E QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS – ESCALA,

CRÍTICAS E CIENTIFICIDADE. Revista Equador, Brasília, v. 6, n. 2, p. 1-22, nov.

2017

WNDERLEY, L.E.W. Educação popular e o processo de democratização In: BEZERRA, Áida . **A questão política da educação**. São Paulo: Brasiliense S.A, 1980. p. 62-78.